

“Brasil e outros países jamais pagarão dívida”

NOVA YORK — O Brasil jamais pagará a totalidade dos US\$ 90 bilhões que deve aos credores estrangeiros. Assim, seria conveniente para os bancos internacionais que passassem a borracha na conta atual e abrissem uma nova. Esta é a opinião da revista econômica **Forbes**.

E mais: a dívida internacional de mais de US\$ 500 bilhões acumulados por outras nações “jamais será paga”, segundo um consultor financeiro norte-americano. E o que acontecerá com a economia mundial e o sistema financeiro internacional quando se chegar a essa encruzilhada? Provavelmente, diz o consultor Benjamin Weiner, o mesmo que aconteceu no dia 15 de junho de 1934, quando mais de 20 países deixaram de pagar as dívidas ao Tesouro dos Estados Unidos — nada.

Os devedores, que eram principalmente Alemanha, Inglaterra, França e Itália deixaram de pagar, e tudo prosseguiu normalmente. A dívida porém ainda existe. Com a acumulação dos juros ao longo de quase 50 anos, o total de US\$ 15 milhões chega agora a US\$ 30 milhões. A Inglaterra, que devia US\$ 4,9 milhões, deve hoje US\$ 12 milhões.

São dívidas que o governo norte-americano passou a considerar incobráveis. A mesma coisa aconteceria desta vez com a dívida atual dos países em desenvolvimento como o Brasil, México, Argentina e Venezuela. Para Weiner, em artigo no **Wall Street Journal**, “o dinheiro devido às instituições financeiras e governos ocidentais pelas nações desafortunadas e mal administradas do mundo se transformaria em papel sem valor”.

Com exceção da Argentina,

que investiu na guerra das Malvinas, as nações dévedoras de hoje não dilapidaram os fundos de forma tão beligerante. A revista **Forbes** assinala que grande parte dos empréstimos “se destinou à construção de coisas produtivas” como fábricas e redes de telecomunicações.

“Sem dúvida” — considera um artigo assinado por Norman Gall —, “no Brasil, entre outros países, uma proporção excessiva foi dedicada a coisas de escasso valor produtivo. Por exemplo, enormes dívidas à classe operária, à classe média, aos ricos. Estes subsídios ajudaram o País a aceitar duas décadas de governo militar impopular. Mas chegou a hora de pagar a conta”.

O Brasil tenta obter no momento um “pacote” de US\$ 11 bilhões em créditos para sair do atoleiro, mas Gall comenta a respeito: “O plano não permitirá que os bancos encontrem uma saída, fará com que afundem mais profundamente. Em um só gesto aumentará em 11% os fundos arfiscados pelos bancos no Brasil, o que levará a dívida brasileira além dos US\$ 100 bilhões. Por quanto tempo pode continuar esse processo?”.

“A questão principal”, afirma Gall, “é o intercâmbio comercial. As dívidas não podem ser cobradas em sua totalidade, mas devem ser encaradas de um modo que permita o prosseguimento do fluxo de créditos para financiar o comércio e as empresas realmente produtivas. O importante agora é impedir que as avarias financeiras resultantes distorçam o mundo real do comércio, emprego e aplicações. O reconhecimento desse fato é ponto de partida para qualquer solução da crise”.